

BOLETIM

Julho 2019



**Consequências da reforma trabalhista:
informalidade cresce no país. p.3**

“ PALAVRA DO PRESIDENTE

Foto: Reprodução/SEAAC

Pela 16ª vez seguida, o mercado reduziu previsão do PIB (Produto Interno Bruto) de 2019 para crescimento de apenas 0,9% neste ano. O PIB é uma medida do valor dos bens e serviços que o país produz na agropecuária, indústria e serviços, ou seja, é a soma da riqueza. E essa redução é reflexo da falta de políticas públicas de desenvolvimento, que devem vir do Governo Federal.

Aliado à queda do PIB, os bancos também baixaram previsão de crescimento da produção industrial de 1,49% para 0,47%, e a taxa de desemprego média no país no 1º

trimestre de 2019 subiu para 12,7%, atingindo 13,4 milhões de brasileiros. Trata-se do maior índice de desocupação desde o trimestre terminado em maio de 2018.

A situação é tão grave que, conforme aponta o IBGE, 5,2 milhões de desempregados procuram trabalho há mais de 1 ano, sem sucesso. Desse total, 3,3 milhões estão desocupados há dois anos ou mais e a taxa de desemprego entre jovens de 18 a 24 anos subiu para 27,3%.

Ou seja, um em cada 4 jovens estão desempregados e procurando emprego sem sucesso há dois anos.

De outro lado, a reforma trabalhista, que retirou direitos e precarizou as relações de trabalho, não gerou empregos, pelo contrário, além do aumento do desemprego pelo desaquecimento da economia, transformou trabalhadores empregados em trabalhadores informais ou em subemprego, como é o caso do intermitente.

Assim, enquanto o Governo Bolsonaro não parar de se preocupar com pautas irrelevantes criando medidas desnecessárias para a população, a geração de emprego e renda ficará cada mais prejudicada.



Lázaro Eugênio

Presidente SEAAC Bauru



SEAAC NEWS

Jornalista Responsável:

Luisa Volpe

Diagramação e design:

Wesley Franco

SEAAC News é uma publicação da

netshare
marketing criativo

www.netshare.com.br F.: (14) 3245 5504 / 3241 2963

 [seaacbauru](https://www.facebook.com/seaacbauru)

Filiação



FALE CONOSCO

www.seaacbauru.com.br
☎ (14) 99880 1515

Bauru - SEDE

Rua Batista de Carvalho,
12-43, Centro CEP 17013-011
F.: (14) 3227 4848

Botucatu - SUBSEDE

Rua Amando de Barros,
1745, Centro CEP 18602-150
F.: (14) 99880 1515

Jaú - SUBSEDE

Rua Tenente Lopes, 738,
Centro SALA 1 CEP 17201-460
F.: (14) 3418 7710

Ourinhos - SUBSEDE

Rua Arlindo Luz, 738,
Centro SALA 1 CEP 19900-010
F.: (14) 99880 1515

INFORMALIDADE CRESCE NO BRASIL APÓS REFORMA TRABALHISTA

Como consequência, uma em cada quatro pessoas trabalha por conta própria



A reforma trabalhista, proposta pelo ex-presidente Michel Temer, completou um ano e meio em maio, mas ainda não foi capaz de criar novos empregos como prometido. Ao contrário disso, o que aumentou foi a informalidade, segundo estudiosos.

Ao modificar mais de 200 dispositivos da CLT (conjunto de normas trabalhistas), Temer deixou diversos trabalhadores à própria sorte. “Prova cabal disso é que a lei não avançou em nada nesse sentido”, diz o procurador-chefe do Ministério Público do Trabalho na Bahia, Luís Carneiro, em entrevista ao caderno imobiliário do Portal Uol. Ele também afirma a reforma é uma via de mão única que praticamente não oferece nenhum benefício ao trabalhador. A medida se aproxima mais de uma reforma econômica, buscando baratear a contratação da mão de obra e atendendo aos anseios da classe patronal.

Carneiro também comenta que “A reforma trabalhista não entregou o que prometeu. A medida não representa uma transformação, não atende a nenhum anseio real da sociedade, mas apenas e exclusivamente ao capital. Ela não promoveu a geração de empregos, como prometido, nem reduziu a informalidade”.

O especialista afirma que há um problema na origem da reforma, pois teria passado por um trâmite sumário no Congresso Nacional. “A falta de discussão, o déficit democrático é muito grande, e isso, como esperávamos, causa reflexos negativos profundos. Perto de 90% dos acidente fatais são acontecidos em sobrejornada. Agora a lei diz que hora extra, jornada de trabalho, não é matéria de saúde e segurança”, afirma.



Informalidade em alta

Em 2018, o Brasil registrou um recorde de trabalhadores sem carteira assinada, fazendo com que a informalidade atingisse o maior nível desde 2012. Essa forma de trabalho garantiu o sustento de praticamente um em cada quatro brasileiros (25,4%).

De acordo com o IBGE, no mesmo ano, eram 11,2 milhões de empregados informais no setor privado, além de 23,3 milhões de pessoas trabalhando por conta própria.

Já em relação aos empregados domésticos, resultou-se em 6,2 milhões de pessoas nessa condição no ano passado. Menos de um terço (29,2%) tinha carteira assinada - é o menor percentual desde 2012.

Capital e Trabalho

O sociólogo e professor titular da Unicamp, Ricardo Antunes, destaca em uma entrevista para o caderno imobiliário do Portal Uol, que a reforma trabalhista de Temer tinha a intenção de atender às imposições e demandas históricas de grandes e organizados setores econômicos, "que desde governos anteriores pressionavam pela flexibilização dos direitos do trabalho, ampliação da terceirização e pela desregulamentação mais ampla das relações entre o capital e o trabalho".

"O empresariado sabe que não pode eliminar o trabalho, pois ele enriquece com a força de homens e mulheres, mas se ele consegue reduzir e eliminar direitos, e há uma massa de trabalhadores disponíveis para servir ao capital, você tem, paralelamente à exploração do trabalho, uma enorme precarização nessas relações, desemprego, e todas consequências nefastas que disso decorre. Eu trato disso no meu mais recente livro, que fala sobre o novo proletariado de serviços na era digital", explica.

